

O estreito relacionamento de Sarney com os militares

As Forças Armadas no governo Sarney têm um relacionamento mais estreito com o presidente da República do que em alguns governos da década passada, chefiadas por generais. O próprio presidente da República estimulou este relacionamento, como demonstram consultas feitas pelo **Jornal da Tarde** na área militar — entre militares do Rio, São Paulo e Brasília. Mas foram vários também os contatos entre militares e constituintes do PMDB e do PFL, que não se resumiram às visitas do senador José Richa (PMDB-PR) ao ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves.

Um militar de Brasília informou ao repórter Hélio Contreiras que alguns políticos falam agora em tutela militar, que seria imposta ao poder civil, mas se esquecem de que chegaram até a ensaiar um certo acozamento, e observou: "Estes, não todos, parecem que só nos procuram admitindo pura e simplesmente o apoio as suas teses. Quando o negamos, passamos a ser autoritários".

O presidente Sarney já manteve encontros com os ministros da área militar que passaram despercebidos até mesmo de assessores do Palácio do Planalto e não chegaram a ser sequer mencionados pela imprensa de Brasília.

O presidente, em quase todas as oportunidades em que conversou reservadamente com os ministros da área militar, evitou impor certas posições, mas sempre deixou clara sua preferência pelo período de cinco anos. E também em quase todas as reuniões com os ministros militares deu ênfase à posição das Forças Armadas na transição política.

Um pacto político, algo semelhante ao que houve na Espanha com o Pacto de Monclera, que assegurou uma união em torno de uma transição mais rápida do que a brasileira, foi indicado pelo presidente Sarney em algumas conversas com militares como a solução que teria sido ideal para consolidar a transição e evitar turbulências".

Já em um jantar que o presidente ofereceu, no ano passado no Palácio do Alvorada aos ministros militares, ele deu ênfase à importância das instituições militares na garantia da ordem interna e da defesa externa. Naquela ocasião, ainda havia problemas na Constituinte para a manutenção dos princípios constitucionais que as Forças Armadas consideraram imutáveis e que vigoram desde a Constituição de 1891. São aqueles relativos à sua responsabilidade na "garantia dos poderes constitucionais, da lei e da ordem".

Outro interlocutor dos militares tem sido o presidente da Constituinte, da Câmara e do PMDB, Ulysses Guimarães. Ele, no diálogo com os ministros militares, conversa muito, mas promete pouco, repetindo, assim, o estilo de Tancredo Neves, que deu ênfase a um tema em todos os seus encontros com almirantes, generais e brigadeiros: a conciliação. Tancredo assegurou que a transição seria feita com os militares, e não contra eles. E pediu, até, a um militar de alta patente, que esquecesse o passado, e evitasse problemas em sua Força.



Pelos 5 anos: Sarney em Parnaíba, PI...



... e em Presidente Dutra, MA, com muita festa.

SARNEY NO NORDESTE

Ele disse que só foi tratar de energia. Mas falou um bocado de política.

29 JAN 1988

Todo o programa estabelecido para as viagens do presidente José Sarney às regiões piauiense e maranhense foi cumprido. As 9h55 de ontem Sarney desembarcou no aeroporto de Teresina, procedente de Brasília, seguindo para Presidente Dutra, no Maranhão, onde inaugurou obras no setor elétrico e, em seguida dirigiu-se a Parnaíba, Piauí, inaugurando o Centro Nacional de Pesquisa de Agricultura Irrigada — CNPAI — da Embrapa e assinou convênios entre o Ministério da Irrigação e o governo do Piauí, no valor de Cz\$ 335 milhões.

"Vim até aqui tratar de energia e não de política", declarou o presidente José Sarney logo após a inauguração da segunda linha de transmissão de energia em Presidente Dutra, no Maranhão — de 500 mil volts e 800 Km de extensão. Enquanto Sarney discursava dizendo que "a democracia é a prioridade das prioridades", um grupo de jovens quebrou a rotina, em Presidente Dutra, exibindo cartazes que diziam: "Brasileiros e brasileiras passam fome".

Dando continuidade à inauguração da linha de transmissão que interliga os sistemas elétricos do Norte e Nordeste, o presidente Sarney declarou: "A energia para o futuro institucional do Brasil é a democracia e a ela dedicarei todo meu esforço e

sacrifício. A prioridade é a democracia que estamos não apenas falando mas praticando". Sarney acrescentou ainda que nunca houve tanta liberdade no País como agora.

Em Parnaíba, Piauí, após ouvir o governador Alberto Silva defender os seis anos de mandato, Sarney pediu a Deus vida para transmitir a seu sucessor, eleito pelo voto direto, "a democracia restaurada no Brasil". Sarney chegou a afirmar que se ele não fosse o presidente do Brasil Parnaíba jamais teria seu Centro Nacional de Agricultura Irrigada, CNPAI, da Embrapa. Discursaram ainda Vicente Fialho, ministro da Irrigação, e o da Agricultura, Iris Resende.

Também em Parnaíba um grupo de jovens protestou com faixas de "Diretas 88" e "Fora Sarney". Dessa vez a segurança agiu fazendo algumas prisões. A estudante Rilza Meirelles, 20 anos, foi detida e comunicou-se também a prisão de outros membros do grupo que protestava. Ninguém ficou ferido e, no início da noite, todos já estavam livres. Toda essa movimentação, aparentemente, não afetou o presidente Sarney. "Sou acusado de ser um presidente bom demais. Prefiro passar por bom demais a fazer violência contra o povo brasileiro", declarou Sarney.

Durante toda a viagem Sarney mostrava-se animado e confiante. Cumpriu todo o programa previsto. Esteve no CNPAI, onde viu uma colheita de milho. Participou da solenidade em frente à Embrapa de onde seguiu para visitar um barco que transporta sal. Visitou a viúva de Sebastião Furtado, dona Esther Furtado, amigo particular de Sarney que o hospedava durante as suas viagens em campanha política pelo interior do Maranhão.

A confiança demonstrada durante a viagem atingiu seu ápice quando Sarney fez parar o ônibus em locais não previstos e até pulou cordas de isolamento para ir apertar a mão do povo apesar de sua segurança. Sarney tomou essa atitude depois de contida uma manifestação do PC do B e do PT. "Confesso, como presidente da República, que é difícil trabalhar pelos pobres neste país", declarou durante seu discurso na Parnaíba.

Com apenas uma hora além do previsto Sarney retornou a Brasília. Participaram de sua comitiva os ministros Aureliano Chaves, das Minas e Energia, Hugo Napoleão, da Educação, Iris Resende, da Agricultura, Vicente Fialho, Irrigação e Bayma Denys do Gabinete Civil e Militar.

"Há sempre interessados em golpe"

O ex-ministro da Marinha, almirante Maximiliano da Fonseca, reconhece que "há sempre interessados em golpe". Mas assegurou ontem que, mesmo que ocorresse um impasse entre a Constituinte e os ministros militares, "não haveria perspectiva para uma intervenção militar, que não seria aceita nem entre civis nem entre militares". E acrescentou: "Não é com um golpe que se evita outro golpe, mas sim com a manutenção da legalidade." Maximiliano, que ocupa atualmente um cargo de diretoria na Petrobrás, identifica outro problema que pode causar a quebra da legalidade. Há quem, segundo ele,

que procura estimular a intervenção militar. Diante disso, diz, a posição correta das Forças Armadas é a de "espectadoras de uma crise". "Minha tese é a de que os militares não devem se envolver com certos tipos de problemas, até o momento da baderna." Maximiliano admite que foi um erro as Forças Armadas terem permanecido muito tempo no poder, depois de 1964: "O melhor teria sido Castello Branco cumprir seu mandato e fazer as reformas necessárias. Foi um erro criar um partido para sustentar o regime durante tanto tempo". Por fim, disse que houve interessados no continuísmo, em 1984: "Foi a impressão que tive na época".